

NO CENTRO da crise, um moderno hospital luta para sobreviver: PUC.
Correio Popular, Campinas, 30 jun. 1981.

PUC

No centro da crise, um moderno hospital luta para sobreviver

Para alguns, é um dos mais modernos hospitais do Estado. Para outros, é simplesmente o mais bem equipado hospital da América do Sul. Entretanto, para uma terceira corrente de opinião, ele não passa de um sonho megalomaniaco dos irmãos Barreto Fonseca — Benedito e Joaquim —, que aos projetá-lo não teriam contado com o seu iminente alijamento da administração da PUC de Campinas, responsável pelo projeto.

As eleições passada da PUC terminaram por guindar ao primeiro plano a austera política econômica de Heitor Regina, que, muito naturalmente, não se tomou de amores por um empreendimento que passaria a custar à Universidade, mensalmente, um prejuízo crônico de 6 milhões de cruzeiros. Na última quarta-feira, Heitor Regina revalidava sua disposição de passá-lo adiante na primeira oportunidade. Preço: 800 milhões de cruzeiros.

“aparelhos de Raio-X com baterias que equipam naves espaciais”

A situação do Hospital da PUC é paradoxal. Tem tudo para ser um dos mais requisitados hospitais do País e, por razões de infraestrutura, trabalha com menos de 50% de sua capacidade operacional. Hospital algum, no País, possui um sistema de Raio-X como o seu (11 aparelhos do mais alto quilate técnico, dotados até mesmo de bateria lunar, que a própria NASA utiliza em suas naves). Seriógrafos convencionais e de coronarografia equipam salas que mal começaram a ser utilizadas, por exclusiva falta de pacientes. Continuam também em meio-ociosidade um atualíssimo conjunto de materias AMX, um invejável sistema de mamografia, um seriógrafo telecomandado, um sistema Traumagen móvel, caríssimos equipamentos para exames de mandíbula, um sistema de monitoragem cardíaca e até mesmo a vedete do hospital, que custou à PUC um milhão de dólares, o tomógrafo, parado por razões burocráticas.

“um hospital à venda não fecha convênios”

O tomógrafo é um capítulo à parte. Acoplado a três computadores e a um terminal que projeta num televisor todas as informações colhidas, ele é o terceiro do gênero no país e sua utilidade é inestimável. Última palavra da tecnologia paramédica, o tomógrafo é capaz de detectar qualquer anomalia, especialmente tumores, no corpo do paciente, informando local, tamanho e características.

No ano passado, cerca de cinco mil pacientes particulares utilizaram o aparelho. O exame é caro: 25 mil cruzeiros. Este ano, entretanto, a PUC colocou-o à venda para tentar saldar pelo menos parte das dívidas contraídas com a construção do hospital. Na última hora, o comprador recuou e, desde então, o tomógrafo tem permanecido “de plantão” para a eventualidade de ser vendido. Parado.

Não só o tomógrafo foi prejudicado com a campanha negativa que representou a sua colocação em disponibilidade. Como o próprio hospital está à venda desde o início do ano, tal campanha comprometeu globalmente suas previsões de faturamento. Um hospital à venda não firma convênios com ninguém, ainda que tenha um excelente padrão de serviços a oferecer.

“deixar crescer o filho não programado”

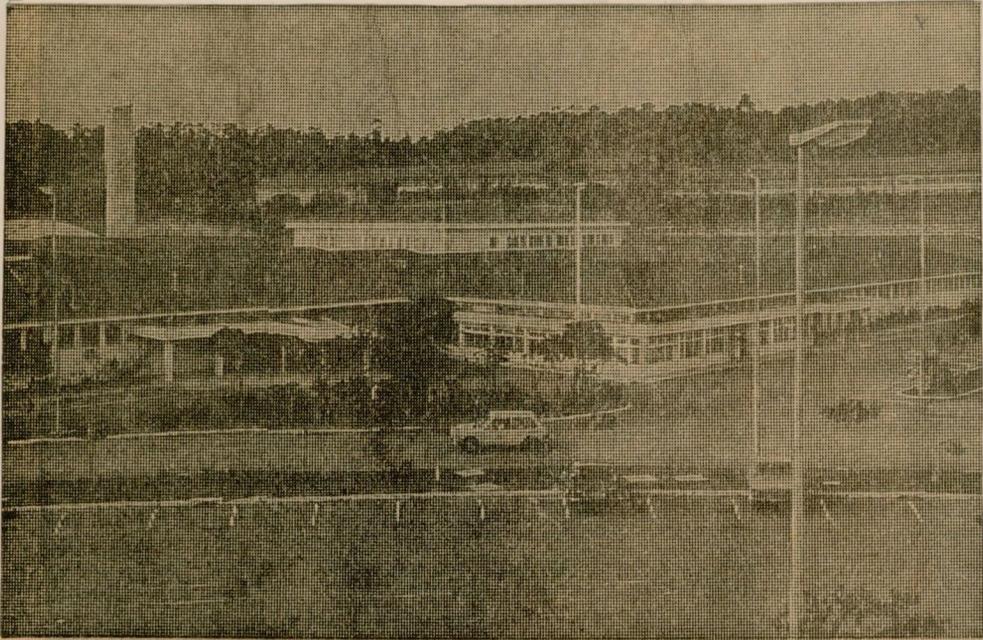
“Nosso hospital é como um filho não programado que nasceu”, diz Décio Zenoni, o administrador. A filosofia de Zenoni é a de que, uma vez que o filho nasceu, trata-se de aceitá-lo e fazê-lo crescer. Sabe-se que, toda vez que Heitor Regina vem a público anunciar sua disposição de vendê-lo, segue-se a ladaínia de lamentações de todo o corpo clínico e dos alunos da Faculdade de Ciências Médicas. Alunos e médicos afeiçoaram-se ao hospital, que toma assim semelhança de “um grande e esplêndido filho enjeitado”, difícil de ser mantido, mas potencialmente atraente.

Consequência ou não dessa disposição acadêmica, o certo é que o hospital tem melhorado sua performance operacional. De um faturamento de pouco mais de 1 milhão de cruzeiros em janeiro último, saltou para 9,5 milhões em maio e deve atingir cerca de 12 milhões em junho. Décio garante que é só dar tempo ao tempo que o equilíbrio orçamentário esrá atingido.

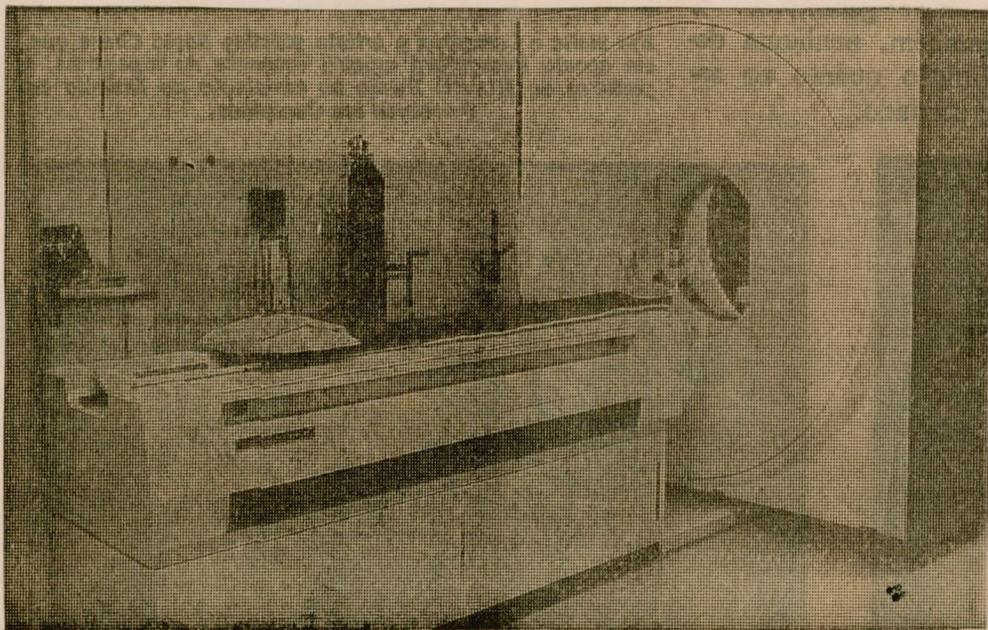
Para salvar o hospital e tentar fazer com que o reitor mude de idéia, Décio está iniciando uma grande campanha junto à grandes empresas da região no sentido de que venha a ser firmado o maior número possível de convênios nos próximos meses. Atualmente o hospital conta com os convênios do Inamps, Iansp, Petrobrás e Cobesp. Mais três ou quatro convênios de boa envergadura e a estabilidade estaria garantida.



NO CENTRO DA CRISE, UM MODERNO HOSPITAL PARA SOBREVIVER: 100.
Correio Lavoura, Campinas, 30 Jun. 1981.



O hospital da PUC, para alguns o mais bem equipado da América do Sul: à venda.



O tomógrafo, 1 milhão de dólares, vedete de uma equipagem hospitalar sem paralelo no país: desativado.